

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2005

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

1. CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

- A indicação do número de palavras a utilizar em cada resposta tem carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento pretendido, pelo que não se propõe qualquer penalização pelo incumprimento dessa indicação.
- Como os tópicos de conteúdo relativos a cada item não podem ser exaustivos, serão de aceitar respostas que, revelando conhecimento efectivo da obra em causa, foquem aspectos não previstos mas permitam, igualmente, corresponder ao solicitado.
- Quando, numa resposta, tiver sido atribuída a classificação de zero pontos a todas as competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação, as competências formais devem ser classificadas com zero pontos.

No GRUPO I:

- A resposta a itens relativos a obras diferentes implica que só seja considerada para efeitos de classificação a resposta ao item 2.
- No item 2, a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

No GRUPO II:

- Se o examinando não identificar a obra e se o seu texto não tornar claro a que obra se está a referir, a resposta será classificada com zero pontos.
- A opção por mais do que um tema implica que seja classificada apenas a primeira resposta.

2. CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

Item 1	A – Relação entre os conceitos no contexto da obra OU B – Justificação de teses no contexto da obra		Cotação
	A	B	
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Explicação do significado de cada conceito no contexto da relação	1. Explicação do significado da tese	10 pontos
	2. Caracterização do tipo de relação entre os conceitos (convergência / oposição, interdependência, hierarquia)	2. Exposição de um argumento da obra para fundamentar a tese	10 pontos
	3. Explicação do significado da relação entre os conceitos no contexto da obra	3. Explicação do significado da tese no contexto da obra	10 pontos
Competências formais	4. Organização do discurso (ordem, coerência)		06 pontos
	5. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)		04 pontos

Total do item 1 40 pontos

Item 1 – Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

- O ser é incriado, porque é eterno. Admitir a criação do ser implicaria admitir a preexistência do não-ser.
- O ser é finito, porque é completo, acabado, contínuo e imóvel: é como uma esfera fechada e homogénea. Admitir a incompletude do ser implicaria admitir a existência do não-ser.
- Ingerabilidade e finitude são dois aspectos do ser uno, que exclui o devir, o movimento e a multiplicidade como meras aparências.
- Só o ser é e só este pode ser pensado, o não-ser não é e não pode ser pensado.

GÓRGIAS, Platão

- A alma temperante e sensata é boa, porque é determinada pela razão. Exerce controlo sobre o corpo, impedindo-o de procurar os prazeres contrários à vontade racional.
- A alma má é injusta, porque desconhece o bem e vive para o prazer. Só lhe resta procurar o castigo para se libertar do mal.
- A justiça pressupõe o conhecimento do bem e consiste no exercício da virtude.
- A alma justa é a alma do filósofo, a única que detém a sabedoria e que, por isso, deve governar o Estado.

FÉDON, Platão

- O exercício da filosofia visa atingir a sabedoria, a qual pressupõe a imortalidade da alma, isto é, a sua separação em relação ao corpo. Por isso, exige que o filósofo viva «de relações cortadas com o corpo» e se esforce para que a sua alma «exista em si e por si».
- O filósofo não receia a morte, porque toda a sua vida é «um treino de morrer e de estar morto».
- Quem teme a morte não ama a sabedoria, ama o seu próprio corpo e se, por acaso, é corajoso e temperante, isso deve-se ao receio de males maiores e ao medo de vir a ser privado de alguns prazeres.
- A verdadeira virtude é racional, independente de todos os prazeres, de todos os medos e de todas as emoções. Só o filósofo possui esta virtude, que permitirá que um dia a sua alma se volte a reunir às Ideias e alcance o objectivo por que sempre lutou, a sabedoria.

CATEGORIAS, Aristóteles

- As expressões ditas sem combinação significam a substância e as restantes categorias. As afirmações resultam da combinação destas expressões simples.
- A verdade e a falsidade não são atribuíveis às expressões simples, mas sim às afirmações. Contudo, uma declaração é verdadeira ou falsa não por si mesma, mas consoante as coisas são ou não como ela as diz serem.

O MESTRE, Santo Agostinho

- Sensação e intelecção correspondem à dualidade da natureza humana, sendo as duas fontes do conhecimento humano.
- A sensação provém dos sentidos do corpo e permite a aprendizagem e o conhecimento directo das próprias coisas. Os objectos percebidos são registados na memória, não como coisas, mas como imagens delas.
- A intelecção advém dos sentidos da mente, permite a contemplação de verdades e o conhecimento por meio da razão e do intelecto. Estas verdades não são ensináveis, mas descobertas por acção do Mestre interior.
- Conhecimento sensível e conhecimento inteligível permitem a ostensão directa, dispensando as palavras, que não têm o poder de ensinar.

PROSLOGION, Santo Anselmo

- Deus é «tudo aquilo quanto é melhor ser do que não ser», não tendo qualquer limitação espacial ou temporal.
- Aquilo que Deus não pode fazer – por exemplo, corromper-se, mentir, transformar o verdadeiro em falso – não é uma limitação. Pelo contrário, fazer essas coisas é que é sinal de impotência; aquele que as faz, fá-las porque a adversidade e a perversidade têm mais poder sobre ele e contra ele; este ser «pode o que não lhe é conveniente e o que não deve».
- Deus é verdadeiramente onipotente, porque nada pode por impotência e nada pode contra si próprio. Não existe contradição, mas acordo, entre o facto de Deus ser onipotente e, simultaneamente, não poder fazer muitas coisas.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- Forma é aquilo que dá ser às coisas; pode ser definida como «a verdade de cada coisa».
- Matéria é «aquilo pelo qual uma realidade está em acto».
- A relação entre forma e matéria é de subordinação desta àquela, na medida em que «é impossível a matéria existir sem qualquer forma, mas já não é impossível existir uma forma sem matéria». A

matéria é responsável pela individuação das substâncias compostas e permite distinguir o universal do particular.

- Há substâncias cuja essência é apenas forma – as substâncias simples – e há outras cuja essência é composta de forma e matéria. Quanto mais próxima uma forma estiver do primeiro princípio, ou Acto puro, mais ela pode subsistir por si mesma sem matéria. Contudo, algumas formas apenas podem existir na matéria, porque estão distantes do Acto puro.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- O Verbo é Jesus Cristo, gerado eternamente e incarnado no tempo. É a presença da similitude entre as criaturas e o Pai, por meio do Verbo, que permite ver o Uno na multiplicidade. Em tudo o que existe e em tudo o que se conhece está latente o próprio Deus.
- A regra de viver serve de meio para a união da alma com Deus, que permite a reconciliação dinâmica com Deus, finalidade de todo o saber. Refere-se ou aos próprios objectos do conhecimento ou à vida do homem.
- Verbo e regra de viver são complementares, sendo os dois momentos necessários à união da alma com Deus. São dois momentos da tríade que traduz a divisão de todos os lumes e que permite explicar a recondução de todas as ciências a Deus e à teologia, manifestações do lume superior.

Item 2	Análise do excerto e fundamentação da análise no contexto da obra	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Exposição dos elementos do excerto que permitem responder ao item formulado (conceitos, teses, argumentos)	10 pontos
	2. Explicação da relação dos elementos do excerto com o item formulado	15 pontos
	3. Selecção dos elementos da obra para fundamentar a análise (conceitos, teses, argumentos)	15 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	07 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Organização do discurso (ordem, coerência)	10 pontos
	7. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	07 pontos

Total do item 2 70 pontos

Item 2 – Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

- Os «mortais com duas cabeças» são aqueles que se afastam da via da verdade, que afirmam a possibilidade do não-ser e dos contrários, valorizando as aparências sensíveis, a diversidade e a mutabilidade.
- Os mortais possuem a «mente errante», incapaz de distinguir o ser do não-ser. Consideram que o ser pode dar origem ao não-ser e vice-versa: «para quem é regressivo o caminho de todas as coisas».
- Apenas o ser, que é uno e imutável, é. Só o ser pode ser pensado e dito.
- A deusa incita o jovem a pôr de parte os sentidos e a utilizar a razão, porque as aparências afastam-no daquilo que é. Só a razão permite apreender a única realidade verdadeira – o ser.

GÓRGIAS, Platão

- A filosofia é o único modelo de vida que garante a felicidade do homem nesta vida e prepara a sua felicidade após a morte. O filósofo é virtuoso, porque conhece e pratica o bem. O homem virtuoso é aquele que prefere sofrer a injustiça a cometê-la.
- Sócrates critica a retórica como aparência e simulacro de saber, incapaz de sustentar racionalmente um modelo de vida. O modelo retórico de vida fomenta a prática da injustiça, porque não se baseia no conhecimento do bem e se preocupa, acima de tudo, com as aparências e com a satisfação dos apetites.
- Só o filósofo está apto a tornar os homens melhores e, portanto, a conduzi-los à felicidade; este é o único fundamento de legitimidade do exercício das funções de chefe de Estado. Sócrates assume-se como o único verdadeiro político.

V.S.F.F.

114/C/5

FÉDON, Platão

- A reminiscência é a recordação do conhecimento das Ideias que a alma possuiu e que esqueceu quando incarnou no corpo. Portanto, aprender é «recuperar um conhecimento que nos é próprio», ou seja, não é mais do que recordar.
- A razão por que tal recordação é possível é que a alma já habitou o mundo das Ideias, com o qual é congenial. Aí, a alma contemplou todas as Ideias.
- Aquilo que desperta essa recordação é a observação do mundo sensível, que suscita em quem observa a impressão de que esses objectos sensíveis se assemelham a um outro objecto que a alma recorda e que não é sensível, a respectiva Ideia.
- O conhecimento das Ideias é um «ponto de referência» do conhecimento da realidade sensível, que aspira a assemelhar-se a elas, mas que lhes é sempre inferior, porque nenhuma igualdade sensível é absoluta.
- Contudo, a alma só voltará a contemplar as Ideias na condição de levar uma vida virtuosa, que lhe garantirá, após a morte do corpo, a ascensão ao mundo inteligível e o reencontro com as Ideias.

CATEGORIAS, Aristóteles

- As substâncias, quer as primeiras, quer as segundas, não possuem contrários.
- Contudo, as substâncias podem receber qualidades contrárias, enquanto sujeitos de mudança. Os contrários são meros acidentes das substâncias, que em nada afectam a sua essência, subjacente a todas as mudanças.
- Enquanto a afirmação de que as substâncias não possuem contrários se refere a todas as substâncias, a afirmação de que a substância é capaz de receber contrários, permanecendo numericamente uma e a mesma, é verdadeira apenas da substância primeira.

O MESTRE, Santo Agostinho

- O conhecimento não se adquire por meio das palavras. Pelo contrário, o conhecimento das palavras decorre do conhecimento da própria realidade e das verdades inteccionadas por meio do Mestre interior. «Conhecidas as coisas, alcança-se também o conhecimento das palavras; mas ouvidas as palavras, nem as palavras se aprendem».
- Sem um conhecimento prévio do significado das palavras, por meio da lei da fala, seria impossível a sua compreensão.
- As palavras não possuem poder de ostensão e, por si sós, nada nos podem ensinar. Suscitam apenas o conhecimento dentro de nós, pela rememoração e pela descoberta, no «homem interior», da Verdade que é Cristo, o Mestre Interior, fonte do verdadeiro ensino e da Sabedoria que toda a razão procura.
- Também a fé pode ser fonte de conhecimento: «confesso que mais propriamente o acredito do que o sei».

PROSLOGION, Santo Anselmo

- Deus deu a razão ao homem, conserva-a e renova-a; por conseguinte, a razão está muito aquém de Deus. Porém, o homem deseja entender aquilo em que acredita e serve-se da fé para compreender.
- Pela fé, o homem acredita no «ser maior do que o qual nada pode ser pensado», e este está, portanto, no seu intelecto. Mas a imagem que o homem possui de Deus não é fiel, devido à natureza viciosa e pecadora do homem.
- O insipiente, ao negar a existência de Deus, revela que não compreende a expressão «algo maior do que o qual nada pode ser pensado». A razão forçá-lo-ia a reconhecer a existência de Deus.
- Se o «ser maior do que o qual nada pode ser pensado» existisse apenas no intelecto, poderia pensar-se algo maior, pelo que ele já não seria o «ser maior do que o qual nada pode ser pensado».

- Se podemos pensar o «ser maior do que o qual nada pode ser pensado», então é necessário que ele exista na realidade: a existência de Deus impõe-se ao pensamento.
- Contudo, a correspondência entre fé e realidade só pode ser garantida por Deus. O homem precisa da ajuda de Deus para conhecer Deus, assim como para conhecer qualquer outra realidade.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- A Inteligência é substância imaterial.
- Porque, neste caso, a forma não depende de qualquer matéria, nas Inteligências «não existe pluralidade de indivíduos de uma só espécie». Cada indivíduo é uma espécie.
- No entanto, toda a Inteligência está em potência em relação ao existir que recebe de Deus, pelo que se pode afirmar que ela é acto e potência.
- Neste sentido, as Inteligências são «infinitas, pela parte inferior, e finitas, pela superior»: infinitas, porque as suas formas não são limitadas por qualquer matéria; finitas, porque recebem a existência de um ser superior.
- A existência de uma multiplicidade de Inteligências só é possível porque, enquanto substâncias criadas, nenhuma delas é Acto puro.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- Embora existam quatro lumes – artes mecânicas, conhecimento sensitivo, conhecimento filosófico e lume da graça e da Sagrada Escritura –, há seis iluminações diferentes, resultantes da subdivisão do lume da filosofia em filosofia racional, filosofia natural e filosofia moral.
- A divisão do conhecimento em seis constitui uma alegoria relativa à criação do mundo em seis dias e representa a submissão da razão à fé; «o descanso do sétimo dia» simboliza a anulação do conhecimento na luz superior e na união da alma com Deus.
- O «ocaso» das seis iluminações é o fechamento do círculo iniciado com a emanação dos lumes a partir da *luz fontal*: todos os tipos de conhecimento têm como finalidade o lume da Sagrada Escritura, no qual também tiveram origem.
- É pela anagogia que a «iluminação se orienta para Deus», pelo que ela representa a união da alma com Deus, que é simultaneamente o fim da fé e dos costumes.
- A *recondução* demonstra que Deus «se oculta em todo o conhecimento e em toda a natureza» e que todos os ramos do conhecimento estão ao serviço da teologia, que os remata e supera. Deus é, assim, o exemplar de todas as coisas que são, tomadas sob o ponto de vista do conhecimento e da verdade da sua existência.

GRUPO II

Item único	Desenvolvimento do tema	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação	1. Relação do tema com o horizonte temático da obra	10 pontos
	2. Integração do tema na estrutura argumentativa da obra (relação com conceitos, teses, argumentos)	20 pontos
	3. Avaliação do modo como o autor trata o tema na obra	10 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	10 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Adequação do plano organizador à resposta	10 pontos
	7. Organização do discurso (ordem, coerência)	15 pontos
	8. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	09 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

Tópicos de conteúdo

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

Tema: Infinitude de Deus e finitude da razão humana

- A mente humana é finita e imperfeita, razão pela qual desconhecemos muitas coisas. A mente humana, nomeadamente aquela que discorre sem ordem e sem método, é responsável por muitos erros de raciocínio, bem como por se deixar enganar pelos sentidos ou por confundir o sono e a vigília.
- Como a mente humana é finita e imperfeita, não pode ser a origem ou a causa eficiente das ideias de infinito e de perfeição; logo, só um ser infinito e perfeito poderia ser a causa de tais ideias.
- A certeza de que o criador das ideias inatas é um ser sumamente perfeito, de cuja essência a existência é um atributo necessário, permite-nos ter confiança de que aquilo que conhecemos de forma clara e distinta é efectivamente certo, apesar de sermos finitos.
- A razão humana não pode conhecer a natureza de Deus na sua plenitude, mas pode conhecer de modo claro e distinto o conteúdo da ideia de Deus presente à sua consciência.
- A Deus, ser perfeito, não se pode atribuir a responsabilidade pelos nossos erros. Estes não decorrem do entendimento finito, mas da vontade ilimitada, que nos leva a emitir juízos que não são totalmente claros e distintos.
- A existência de Deus, substância infinita e perfeita, é a garantia das certezas metafísicas e um dos princípios nos quais se funda o edifício da ciência.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

Tema: Liberdade religiosa e limites da tolerância

- A separação entre as funções e os objectivos da acção do magistrado e as funções e os objectivos da Igreja visa garantir a total independência entre Estado e Igreja e garantir os direitos civis e os direitos religiosos.
- A liberdade é um bem civil comum a todos os cidadãos, pelo que a acção do magistrado não pode aplicar-se à salvação das almas; a adesão a uma Igreja é uma opção individual (fruto da liberdade), é produto da fé; e a decisão de permanecer ou sair de uma comunidade religiosa também é individual.
- Há, no entanto, razões de Estado que impõem limites à tolerância do magistrado: o magistrado não deve tolerar dogmas que coloquem em risco a conservação da sociedade; o magistrado não deve tolerar pessoas ou seitas que se arroguem privilégios particulares e contrários ao direito civil; o magistrado não deve tolerar uma Igreja que esteja ao serviço ou sob a autoridade de outro príncipe; o magistrado não deve tolerar os ateus.
- Para além destes limites, tudo o que é permitido na vida comum deve ser permitido no culto a Deus: a coacção só se deve aplicar àqueles que atacam a ordem civil.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

Tema: Mundo actual e mundos possíveis

- Deus é um ser absolutamente perfeito, isto é, um ser que contém em grau eminente todas as perfeições, nomeadamente saber e poder infinitos.
- Logo, age do modo mais perfeito possível: e o resultado da sua acção (o mundo), não podendo ser absolutamente perfeito, é, pelo menos, o mais perfeito dos mundos possíveis.
- O «melhor mundo possível» é um mundo com as seguintes características: regular, dentro de certa ordem geral; mais simples em leis e simultaneamente mais rico em fenómenos; embora sem ser perfeito em cada um desses fenómenos, é-o do ponto de vista do resultado global de todos, de tal modo que até os males trabalham para produzir um bem maior.
- Um mundo com estas características é um mundo constituído por substâncias individuais.
- As substâncias individuais são sujeitos cuja noção contém em si todos os predicados, aí incluídos todos os acontecimentos futuros, e são também perspectivas particulares, mas cada uma completa, do todo, o qual, por sua vez, forma o conjunto integral de todas as perspectivas possíveis sobre ele.
- Em abstracto, seria possível conhecer *a priori* tudo o que sucederá a cada indivíduo, não por necessidade, mas por obediência ao princípio do melhor, cuja realização concreta, embora não podendo ser antecipadamente conhecida pelo próprio indivíduo, é absolutamente certa.
- No uso da sua liberdade, quem melhor conhecer a natureza de Deus, do mundo e da criação divina, tanto mais louvará a excelência do mundo e procurará, no futuro, agir segundo a vontade presuntiva de Deus (recta intenção), assim colaborando subjectivamente na obra do melhor mundo possível.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

Tema: A liberdade como fundamento da lei moral

- O ser racional dotado de vontade é livre na medida em que toma a vontade ou razão prática como legisladora universal, causa eficiente *a priori* das leis imutáveis que a determinam, independentemente de quaisquer influências e interesses estranhos; a liberdade é a «propriedade da vontade de ser lei para si mesma».
- O fundamento da lei moral e da autonomia da vontade é a liberdade, que, não sendo demonstrável, é necessariamente pressuposta como «propriedade da vontade de todos os seres racionais» que se determinam a agir, e na qual o dever «é propriamente um querer que valeria para todo o ser racional».

V.S.F.F.

114/C/9

- O homem só pode pensar a causalidade da sua vontade sob a ideia de liberdade: «vontade livre e vontade submetida a leis morais são uma e a mesma coisa». A liberdade é o oposto da necessidade natural.
- O homem cria a lei e simultaneamente dá-se a si próprio essa lei prática universal como princípio objectivo determinante da sua acção, assumindo-se ao mesmo tempo como legislador e súbdito de um Reino dos Fins, no qual todo o ser racional é um fim em si mesmo.
- Como membro do mundo inteligível, o homem tem de reconhecer a sua submissão à lei da razão e, como a sua vontade não é santa, tem de considerar as leis da razão como imperativos categóricos que regulam a sua acção.
- A liberdade é manifestação do primado da vontade sobre o entendimento, da razão prática sobre a razão teórica, do mundo humano sobre o mundo natural, das coisas em si mesmas sobre os fenómenos.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

Tema: História e liberdade

- A história é o progresso da liberdade na consciência: explicitação e realização do espírito universal; o absoluto é princípio e fim da história.
- A realização do espírito ao longo do tempo faz-se por intermédio dos povos («espírito do povo»), que se distinguem segundo a ideia que têm de si próprios e segundo a forma como captaram o espírito; o povo tem na sua base a liberdade política e esta só floresce onde e quando o indivíduo se sabe universal.
- A concepção de liberdade de um povo materializa-se nas suas instituições e formas culturais: a relação entre os homens livres é mediada por uma moralidade universal e pela existência de uma constituição jurídica; perante a moralidade e a constituição, todos os homens são pessoas.
- Como a liberdade é a única verdade do espírito, quando ela for universalmente realizada, o espírito tornar-se-á absoluto e a história terá chegado à sua consumação.
- A liberdade real é simultaneamente a condição de possibilidade do saber e a sua realização: o seu aparecimento tornou possível a filosofia.
- A relação entre liberdade política e liberdade de pensamento permite a manifestação da filosofia na história: a filosofia baseia-se numa vivência real e concreta da liberdade.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

Tema: A evolução do ser

- A evolução obedece a uma lei racional, que não é explicável por qualquer concepção mecanicista da natureza. A evolução é superação do determinismo, espiritualização do universo, realização da plenitude do ser e identificação da razão com a vontade.
- O ser obedece a uma razão imanente, que preside à sua evolução: o ser torna-se cada vez mais ser, realiza-se em esferas cada vez mais amplas, de tal modo que as superiores integram as inferiores.
- A evolução é um processo de gradual desdobramento, que se distingue de uma evolução meramente formal, quantitativa e mecanicista; a evolução tem um carácter ascensional e hierárquico, pois há um acréscimo de ser em direcção a um determinado fim.
- A evolução é comum a todos os seres, mas é no homem que atinge o seu cume: o progresso é criação da ordem racional e alargamento indefinido da esfera da justiça, numa aproximação contínua ao ideal; a evolução implica a renúncia ao egoísmo e ao individualismo e a dissolução de todas as leis naturais e sociais na lei moral.
- O fim da evolução é o bem e a virtude, que se identificam com a causalidade final.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

Tema: Realidade e tragédia

- Na tragédia ática não existe o desejo de representar a realidade tal como ela é, de ser uma imitação da vida, mas de traduzir a visão trágica da vida e do mundo: o artista trágico, através da tensão entre

os espíritos apolíneo e dionisiaco, quebra os limites da individuação, liberta das ilusões da aparência, levando o espectador a atingir o Uno Primordial.

- A tragédia, por intermédio do coro dos sátiros, da poesia ditirâmbica e da música dissonante, transfigura a realidade e permite a aceitação da vida como sofrimento sem redenção. Possui dimensão metafísica na medida em que, por meio da exaltação dionisiaca e do sentimento de compaixão, aceita a realidade como vontade e admite o devir e o erro como condição necessária à vida.
- O espírito apolíneo, que se exprime pela imagem e pela linguagem, pela acção e pela música consonante, funciona como a máscara que oculta o mito e imita a natureza, aliviando a dor e permitindo a reconciliação com a realidade.
- A cosmovisão trágica rejeita o optimismo da cosmovisão teórica e o socratismo estético. Ao contrário destes, não pressupõe que a realidade e a existência sejam explicáveis conceptualmente, redutíveis a leis e à causalidade lógica e dotadas de uma significação moral.

DA CERTEZA, Wittgenstein

Tema: Jogos de linguagem e acção

- Há um conjunto de factos e crenças que adquirimos desde a infância e que formam a nossa imagem do mundo, substrato de toda a linguagem. A criança aprende a reagir de determinada forma e usa as palavras muito antes de saber o que significam.
- Todo o jogo de linguagem assenta num sistema de crenças, portanto temos de confiar nalguma coisa para participarmos no jogo de linguagem. O jogo de linguagem é imprevisível, pois não se baseia em fundamentos, aprende-se através do uso; o repetido reconhecimento de palavras e de objectos constitui a base dos jogos de linguagem.
- O jogo de linguagem caracteriza-se pela ausência de dúvida, duvidar destrói o jogo ou «empata-o».
- A linguagem corrente é natural e intrínseca ao ser humano, pressupõe a certeza de alguns factos, pois, quem não a tiver não pode ter a certeza dos significados das suas palavras; a linguagem é uma actividade humana e um reflexo da natureza social da acção humana.
- Toda a acção e todo o pensamento se baseiam na crença. O conhecimento é posterior à acção. O contexto e o uso que se faz das palavras é que esclarecem o significado daquilo que é dito.

ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

Tema: Filosofia e verdade

- A filosofia não é sobrevoo ou contemplação imparcial, nunca está inteiramente fora do mundo, nem inteiramente dentro dele. A filosofia não é um juízo superior à vida, ao mundo e à história, antes exprime o compromisso de alguém com a verdade, perante os outros.
- A verdade, que se exprime pela linguagem, não se subordina a nenhuma instância superior, não tem origem divina nem fundamento individual, mas tem de ser reconhecida interiormente, funda-se na intersubjectividade, na história e na vida: tem de ser procurada com eles, sem bastar estar com eles para a atingir.
- Embora o eu do filósofo seja o seu último juiz, a verdade é intersubjectiva: o filósofo não pensa sozinho, a filosofia constrói-se sobre três pontos cardeais: a verdade, os outros e o filósofo; não é possível sacrificar um destes elementos.
- A ambiguidade filosófica supõe a rejeição de pontos de vista absolutos, de verdades parcelares, assim como a rejeição de um compromisso político próprio do homem de acção.
- A linguagem, enquanto sistema de sinais, articula o mundo individual com o mundo comum e com a verdade; o filósofo, porque procura a verdade integral, é o intérprete dessa confluência e dessa dimensão simbólica.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

Tema: Conhecimento de coisas e conhecimento de verdades

- O conhecimento de coisas pode ser imediato, quando se trata de um conhecimento-de-trato, independente do conhecimento de verdades. Consiste na tomada de consciência imediata e directa das coisas, sem interferência de processos de inferência. O seu objecto são os dados-dos-sentidos, a consciência de si mesmo e os universais.
- O conhecimento das coisas pode ser derivado, inferido e descrito por meio de juízos, a partir de conhecimentos-de-trato ou de outros conhecimentos por descrição, o que permite superar o conhecimento pessoal; porque o objecto não é conhecido em si mesmo, este conhecimento é menos certo. Assim são conhecidos os objectos físicos e os outros eus.
- O conhecimento de verdades é relativo a juízos e variável quanto ao seu grau de certeza. O conhecimento imediato de verdades é intuitivo quando é conhecimento de verdades evidentes de si: verdades da percepção, princípios *a priori*, princípios lógicos fundamentais e princípios éticos. As evidências não são garantias absolutas de verdade: a própria evidência está sujeita a graus.
- O conhecimento derivado de verdades é construído por indução ou por dedução, sendo evidentes as premissas, os princípios de dedução e a conexão entre premissas e conclusão.
- Em última instância, todo o conhecimento por descrição só é possível se se reduzir a um conhecimento-de-trato e todo o conhecimento de verdades é dependente do conhecimento intuitivo.
- O conhecimento de verdades, diferentemente do conhecimento-de-trato, tem como contrário o erro.
- Estas formas de conhecimento permitem estabelecer graus de aproximação à realidade.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

Tema: Consciência saudosa e consciência nacional

- A consciência saudosa tem uma dimensão evocativa e remete para uma temporalidade retrotensa.
- A consciência saudosa pertence a uma dimensão íntima e psíquica, que não é teórica nem prática; a saudade implica retroversão do eu sobre si mesmo ou ensimesmar-se; e relação intencional com algo exterior ou exsimesmar-se.
- O sentimento de saudade é tanto mais intenso quanto maior é a discrepância entre as qualidades afectivas da apresentação e da representação.
- O sentimento de saudade é comum a todos os homens: a saudade é um fenómeno psíquico humano, embora tenha tido maior expressão no mundo luso-galaico, devido à celtização, a uma prosperidade passada perdida e à ausência dessa condição no presente.
- A palavra «saudade» tem origem latina, não tendo tradução exacta em nenhuma outra língua. Embora haja palavras com significado muito próximo, não têm a expressividade que a palavra tem na cultura luso-galaica.
- Contudo, não existe uma filosofia portuguesa, e os estudos sobre a saudade devem integrar-se numa filosofia supranacional ou a-nacional, com carácter interpretativo, distinta de uma análise teórica e conceptual ou prática: assim, aquilo que é específico da consciência nacional passará a ter uma significação universal.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

Tema: Filosofia e desocultação do ente

- Essência e não-essência da verdade são constitutivas do homem enquanto liberdade. A verdade reside na liberdade, no deixar-ser do ente, o que pressupõe a concepção de que existe uma unidade entre o homem e o ser, que expõe o homem ao ser e que se manifesta na compreensão do ente enquanto tal.

- No acto de desvelamento do ente, o homem histórico tanto pode deixar ser o ente como não o deixar ser tal como é, fazendo com que ele se oculte ou dissimule. A essência da verdade implica a não-verdade, pois o estar exposto ek-sistente ao ente no seu todo revela o ente particular e, simultaneamente, oculta o ente no seu todo.
- Na filosofia, o mistério não é posto de lado, pois a ocultação do ente domina a sua desocultação: como recusa de toda a autoridade externa, a filosofia apoia-se exclusivamente no pensamento acerca do ente para aceder ao ser; pensa o ser através do conceito de essência.
- A filosofia é o saber da essência, é o questionar da essência da verdade e da verdade da essência: procura conhecer a verdade do ser no seu todo.
- A questão sobre a essência da verdade nasce da questão sobre a verdade da essência e é equivalente a essa questão. Nenhuma delas se esgota na relação do enunciado com o real ou na sua correcção. Contra a representação que aprisiona os entes e contra toda a autoridade externa, a filosofia exprime a liberdade, que é a própria essência da verdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricoeur

Tema: A dimensão ontológica do discurso

- A dimensão ontológica do discurso manifesta-se na dialéctica de evento e significação: no discurso oral, a linguagem é ostensiva, indica, mostra; o sentido de uma frase não é separável do uso da frase e da situação do discurso.
- A linguagem transcende-se a si mesma, pressupõe a existência das coisas nomeadas, o ser-no-mundo e a referência ao próprio locutor/autor. A linguagem não é um mundo em si mesmo, mas é referência a um mundo.
- É pela frase que a linguagem se dirige a algo que é exterior a si mesma, na medida em que não é apenas um sistema lexical fechado, auto-referencial e que possui sentido imanente.
- O discurso escrito cria um mundo, formado pelo conjunto de referências não ostensivas e não situacionais que alargam o nosso horizonte de existência: teoria da iconicidade ou «aumento estético da realidade».
- A dimensão ontológica do discurso manifesta-se também no plano da interpretação, pela dialéctica da explicação e da compreensão: esta constitui a rejeição da leitura estruturalista do discurso, que não permite alcançar o nível mais elevado de interpretação de um texto.
- Interpretar é apropriar-se do sentido do texto como totalidade singular que proporciona ao leitor uma autocompreensão, pela aliança com o horizonte do mundo do escritor.